

O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA ENQUANTO FILÓSOFO

Autor: José Ferreira de Lima Neto (1); Co-autores: Valmir Pereira (1); Eduardo Felipe Dantas de Araújo (2)

Universidade Estadual da Paraíba; netoferreira432@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba; provalmir@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba; edufelipe@gmail.com

RESUMO: Com a perspectiva de aborda o professor-filósofo, e como o mesmo se edifica na sua forma de lecionar, o trabalho propõe o tratamento do ensino de filosofia e do desenvolvimento da atividade filosófica mediante os alunos, o filosofar partindo do professor e sendo chave de acesso para um ensino frutífero ante o alunado. O artigo pretende apontar mecanismos para que o ensino de filosofia seja realmente produtivo no que se refere ao aprendizado dos alunos, o filosofar e como instigar os alunos a atingirem essa atividade vem como esboço central do estudo, retratando ainda a dificuldade que o professor encontra em atuar como filósofo em sala de aula, tentando romper essas barreiras o professor procura mecanismo para que os alunos filosofem, o processo de desconstrução é trazido junto a realidade que o aluno encontra-se inserido, a aproximação do conteúdo de aula com as experiências que o aluno enfrenta são contundentes para o processo de construção do aprendizado e da atividade crítica, a missão não é fácil de estabelecer um contato entre realidade do aluno e condição com que o conteúdo deve ser repassado, recursos não filosóficos tem que serem colocados como forma para que o aluno agregue esse conhecimento, a aproximação do conhecimento como ponto chave para a transmissão de forma compreensível e que motive o aluno a trilhar por esse caminho fértil que é o conhecimento, em linhas gerais será tratado de pontos que deem acesso ao professor se comportar como filósofo no ambiente de sala de aula e que instigue junto ao seu alunado tal atividade de pensamento que a filosofia propõe.

Palavras chave: Ensino de filosofia, filosofar, prática de ensino.

ABSTRACT: With a perspective from approaching the philosopher-teacher and how he edifies himself in his way of teaching, the work proposes the treatment of the philosophy teaching and the development of the philosophical activity through the students, the philosophizing starting by the teacher and being a key access for a fruitful teaching before the students. The Article intends to appoint mechanisms in order that the philosophy teaching be in fact productive regarding to the students' learning, the philosophizing and how to instigate the students to achieve this activity comes as a central draft of the study, still depicting the difficulty which the teacher finds when acting as a philosopher in the classroom; trying to break those barriers, the teacher searches a mechanism for that the students philosophize. The deconstruction process is brought close to the reality which the student finds himself inserted. The proximity of the classroom content with the experiences that the student faces is forceful for the process of learning construction and the critical activity. The mission is not easy for establish a contact between the student's reality and the condition with how the content has to be passed, non-philosophical resources has to be put as a way for the student aggregate this knowledge, the knowledge proximity as a key point for the transmission in a clear way and that motivates the student to go through in this fertile path which is the knowledge. In general lines, it will be treated about points which give access to the teacher behave as a philosopher in the classroom environment and which instigates, close to his students, such thinking activity which the philosophy proposes.



Keywords: Philosophy teaching, Philosophizing, Philosophy.

1 Introdução

O presente trabalho por intermédio de uma pesquisa bibliográfica tem a perspectiva de tratar do professor filosofia enquanto filósofo e não mero agente do saber, o professor-filósofo encontra-se em uma instância mais elevada coloca na sua metodologia de ensino o pensamento e a provocação filosófica dando assim ao seu alunado plena capacidade de raciocínio crítico. O graduado em filosofia além de buscar o saber e o que o texto em pauta está dizendo, deve problematizar e ter uma visão crítica que vá além do horizonte que o texto aborda. Um ponto que levanta muitas inquietações é o de que a filosofia nem mesmo pode ser ensinada ou aprendida, essa suposição coloca em cheque a escolarização do ensino de filosofia, o professor amigo do saber é então convidado a pensasse como filósofo e não como um mero profetizante do conhecimento.

A atividade filosófica e o ensino delas estão ligados e o professor tem a tarefa de unificá-las em suas aulas, todavia a missão não é fácil e exige o desdobramento pedagógico do professor enquanto filósofo que caminha junto ao seu alunado com certa curiosidade ao trazer os alunos a filosofarem e partilharem desse manjar enriquecedor e prazeroso que é a filosofia. Conhecer o discurso filosófico é o primeiro passo para filosofar.

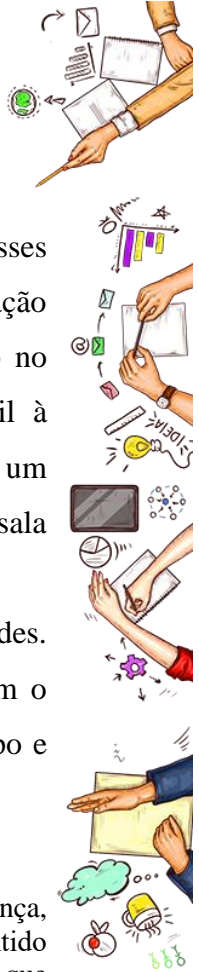
Em primeiro plano temos que colocar em consideração a reflexão com a atividade filosófica e como ensiná-la, no entanto, o professor de filosofia tem que deixar transcender a figura do filósofo, e estar capacitado para a árdua missão de lecionar, filosofar pode ser subjetivo filosofia não. A educação tem que estar pautada como afirma Ivo Tonet:

É, especialmente, através dela que se prepara, por um lado, a força de trabalho que servirá de insumo para o processo de produção e, por outro, o indivíduo, através da assimilação de ideias, valores e comportamentos, para integrar à sociedade burguesa. Este instrumento, sem dúvida, não é o único, mas é um dos mais importantes. Por isso, a organização e o controle da educação escolar são tarefas das quais o Estado não pode se desfazer. É uma ilusão pretender organizar um processo educativo que não atenda, mesmo que em formas diversas, os interesses do capital (TONET, s/d, p. 8).

A educação e professor como agente educador tem que ser um professor de espantos, deve criar a curiosidade e instigar o pensar. O que o professor fala deve provocar a curiosidade sob o aluno instigando-o a cultivar a inteligência.

Temos que levar em conta que o ensino de filosofia tem que ser modelado pela própria atividade filosófica. Ser docente é atuar com plena capacidade de produção nessa arte que é lecionar edifica-se o verdadeiro filósofo.





O Professor filósofo tem que trilhar o ambiente filosófico e o educacional cindindo esses dois mundos e os correlacionando essencialmente na graduação para que no final de sua formação agregue a bagagem necessária para atuar como professor, e como um exímio perito não só no campo filosófico, como também no campo educacional. Todavia, essa missão não é fácil à construção do profissional educador não se dá da noite para o dia, a formação tem que oferecer um viés holístico para lidarmos com as contradições encontradas na sociedade e principalmente em sala de aula.

Ensinar filosofia e como ensiná-la nos leva a refletir o quão complexas são essas atividades. Em muitas das vezes não tem a capacidade de discernimento necessária para compreenderem o pensamento filosófico, e para filosofarem guiados por seus próprios instintos carecem de tempo e paciência para a germinação de tal faculdade de pensamento.

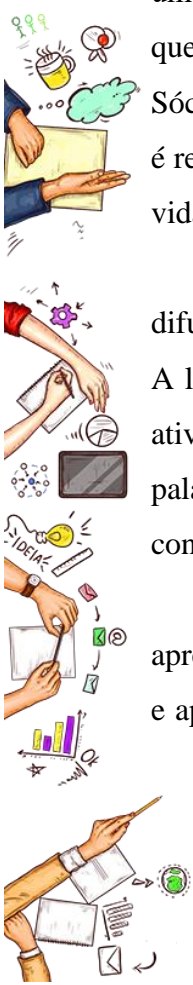
É de outra coisa que o jovem tem necessidade: falar uma língua da segurança, instalar-se num vocabulário que se ajuste ao máximo às ‘dificuldades’ (no sentido cartesiano), munir-se de um repertório de *topoi*, em suma possuir uma retórica que lhe permitirá a todo instante denunciar a ‘ingenuidade’ do ‘cientista’ ou a ‘ideologia’ de quem não pensa como ele. Qual melhor recurso se lhe apresenta senão tomar emprestado um discurso filosófico? (LEBRUN, 1976, p. 151).

2 O nascimento do filosofar

Analisando como surge à palavra e acepção filosofar encontramos na apologia de Sócrates um dos primeiros registros com relação ao termo “A primeira é já mencionada o participio plural que indica “os que filosofaram” (tôn philoshophosinton)” (OMAR, 2008, p.28). A figura de Sócrates é aqui esboçada e será utilizada como agente pedagógico para atingisse o filosofar que não é rebuscado como muitos o pensam, ele reside na simplicidade (que vai além do simples), a própria vida é a filosofia e sua didática.

O professor de filosofia tem que remeter seus olhos para Sócrates e tê-lo como base para difundir a arte do pensar, Sócrates não ensina, mas quem dialoga com ele de alguma forma aprende. A liberdade como forma de aprendizagem nesse método socrático e pelo ócio e ao mesmo tempo atividade pensante brotam filosofias. Nessa perspectiva Omar (2008, p.62) indaga que “em outras palavras, quais são os limites no modo de fazer o que diz que a filosofia faz? Quais são as são a condições e possibilidades que oferece a quem aprende filosofia?”

Assim, a filosofia nos abre portas e nos dar a certeza que tanto seu ensino como seu aprendizado flui naturalmente na mente do alunado, aqui o professor passa a mediar conhecimento e aprender novas atividades rompendo as barreiras do seu pensar e abrindo espaço para o filosofar





em si, numa categoria que abarca inclusive sua própria pessoa, e no filosofar para si, que atingirá a instância de seus alunos.

3 A pedagogia e o filosofar

Trazendo à tona que toda teoria pedagógica se alicerça em um sistema filosófico, o filosofar se torna pedagógico no sentido que é colocado aqui tal atividade leva o educador a fugir da simplicidade, percebendo a filosofia em um caráter crítico. A formação filosófica tem que contribuir com a educação e com a cidadania, ela tem que estar arraigada com esses fatores para crescimento próprio e coletivo do sistema educacional e pedagógico.

Habitamos uma tradição pedagógica fundada na lógica da transmissão. Todavia não está claro o que se transmite no ensino de filosofia. É evidente que não se pode reduzir a filosofia à transmissão de conteúdos filosóficos. Contudo a ausência de qualquer forma de transmissão é também problemática. Sócrates parece sugerir que, em filosofia nada há para transmitir a não ser um gesto que, em si mesmo não pode ser transmitido. (OMAR, 2008, p.75)

A transmissão da filosofia nos conduz a uma aporia de pensamento e aqui se trava um problema enorme que confronta a pedagogia, o problema não é a transmissão ou não transmissão o que se coloca em cheque é o serviço que a mesma detém. Trilhando o caminho de como introduzir a filosofia descobre-se que não existe o método filosófico, existem diversas vertentes metodológicas que subsidiam a filosofia ser ensinada.

Tudo que descrevemos a cerca da filosofia nos traz que olhar é importantíssimo, avaliar o cenário e ver como estão postas as ideias entorno, compreender um texto em uma primeira leitura é complicado, mastigar-se no processo de leitura, e perceber que o teor filosófico está contido diante do espectador, Jean-François Lyotard afirma:

É preciso acentuar que uma leitura não é filosófica apenas porque os textos são tidos por filósofos – ou porque seus autores são considerados autores da história da filosofia, de Platão a Sartre –, uma vez que se pode ler textos filosóficos sem filosofar e ler textos considerados artísticos, políticos, jornalísticos filosoficamente. (LYOTARD, 1993, p. 117)

4. O discurso e o papel do filósofo

O logos e o poder da linguagem são inerentes à atividade filosófica, é pelo discurso que uma aula se constitui e se transforma em conteúdo, é no debate que o aluno abre espaço para filosofar, instigando o próprio professor ao desafiá-lo com suas inquietudes.



O mínimo que se pode dizer, é que elas não fariam avançar o trabalho (do filósofo), já que os interlocutores nunca falam da mesma coisa. Que alguém tenha tal opinião, e pense antes isto que aquilo, o que isso pode importar para a filosofia, na medida em que os problemas em jogo não são enunciados? (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 41).

A interação entre a dúvida que instiga o aluno e a busca de soluções para tal inquietação é o que é fascinante, o poder que o falar tem de duvidar, e inversamente atua também com a capacidade de solucionar tal dúvida é o que nos leva ao encantamento “expulsar o acaso, decifrar a todo custo uma legalidade sob o fortuito que se dá na superfície [...], compreender o funcionamento de uma configuração a partir de uma lei que lhe é infusa (é preciso que haja uma), conforme a ordem que se exprime nela (é preciso que haja uma)” (LEBRUN, 1976, p. 152).

O discurso filosófico é contundente e se constrói por intermédio da capacidade de leitura que cada ente detém, a bagagem de leitura é o que constitui um discurso centrado filosoficamente. A interpretação do que é lido é tido como o cerne da construção do pensamento, ao texto filosófico cabem muitas interpretações, algumas tortas outras confusas, sob os olhos de quem observa carecesse um mediador para determinar e guiar a sua forma de pensamento filtrando os eventuais deslizos, a figura do professor é quem se incumbe de fornecer o mapa para que aluno trilhe sua jornada e encontre o “x” do tesouro, a própria filosofia é o tesouro que aluno ao investigar se apoderará cada vez mais dessa fonte perene de conhecimento. É filosofando que tanto aluno como professor se edificam no meio que os cercam.

A elaboração de uma aula de filosofia, em muitas das vezes não é colocada em prática conforme o planejado, não que a aula não seja dada, nem muito menos que isso representa uma perda de controle, isso significa que a filosofia pode ser planejada, no entanto esse plano pode não ser colocado em prática como foi pensado, o debate é o momento de desconstrução é nele que se trilha o caminho do filosofar, por intermédio dele a filosofia em seu pleno sentido é explorada.

O essencial daquilo a que chamamos elaboração, que acompanha e desdobra a escuta paciente, consiste na anamnese, na procura do que permanece ainda impensado quando já foi pensado. É por isso que a elaboração filosófica não tem nenhuma relação com a teoria, nem a experiência dessa elaboração com a aquisição de um saber (*mathema*). (LYOTARD, 1986, p. 36)

5. O filosofar e a diferença

No filosofar surge a diferença, aliás, a percepção da diferença é quem faz do filósofo agente do saber, ao enxergar o diferente você também passa a ser diferente, a igualdade não existe nesse



sentido, estamos inseridos em meio a uma multiplicidade de saberes e modos de enxergar o mundo, mas submersos nesse cenário é que nos tornamos humanos e contribuimos para o processo de humanização dos outros.

A autenticidade pode ser compreendida na percepção da realidade como diferença, o cultivo do hábito de sempre duvidar do conhecimento dado, a capacidade crítica é assim instigada e se desenvolve a partir do que está dado o aluno faz vir a existir muitas outras percepções ante o que o professor expõe.

A diferença está contida inclusive em o professor não conseguir desenvolver a mesma aula em salas diferentes, mesmo o conteúdo sendo o mesmo, o cenário é outro, as mentalidades são outras, o professor também passa a ser outro e sai transformado após cada aula dada.

A criatividade ela se desenvolve quando o aluno estiver liberto, a opressão causa ao discente a perda dessa criatividade, o discente ele tem plena e total capacidade de ser criativo no âmbito escolar, pois afinal de contas ele é diferente e não deve ser moldado, o processo de lapidação tem que ter como próprio agente transformador ele mesmo, a aprendizagem é despertada pelo professor sobre o aluno, todavia o aluno quem acordasse e vai a busca de aprender mais e mais, o filósofo ele mostra os caminhos para o filosofar, no entanto a realidade é que a maioria dos professores de filosofia não atuam como filósofos em suas aulas e práticas de ensino, é necessário uma inovação junto ao docente que se comporta dessa maneira, o aluno merece ter o deleite de filosofar. Aqui não se tece uma crítica ao graduado em filosofia na maioria das vezes ele não é o culpado do profissional que se tornou, ou pode até ter parcelas de culpas, mas também pode não ter tido o auxílio e instruções suficientes durante seu processo de formação.

6 A filosofia e sua contribuição na educação

A filosofia pode e deve contribuir para que a educação seja analisada e pensada de forma diferente, o fazer pelo fazer vem gerando um mero ativismo que não vem tendo finalidade. O papel da filosofia junto a esse cenário é gerar inquietudes de forma intensa e plena, buscando uma finalidade e desconstruindo esse fazer pelo fazer.

A filosofia da educação da intenção a prática educacional e dá amparo para o pensamento, reflexão, construção e desconstrução. Por intermédio disso a filosofia deixa o isolamento e busca amparo no campo histórico e sociológico. A filosofia da educação tem que edificar a imagem do homem como sujeito da educação:



[...] a Filosofia da Educação precisa implementar uma reflexão epistemológica sobre si mesma. [...]. Seu papel é descrever e debater a construção do objeto-educação, Zelo sujeito. Sua dupla missão é se justificar e também rearticular os esforços da ciência, para que estes se justifiquem, avaliem e legitimem a atividade epistêmica como processo tecido no texto/contexto da realidade histórico-cultural. (SEVERINO, 2001, p. 128).

Buscando contextualizar o aparecimento da filosofia da educação, Severino (2001, p. 121) nos traz que o refletir atual investiga na ciência, na razão, a elucidação para as causas primeiras, fugindo de toda espécie de transcendentalismo tão presente no pensar medieval, sendo assim «o racionalismo naturalista moderno transfigura a cosmovisão da cultura ocidental e instaura uma avassaladora dessacralização da natureza e da cultura». Acontecimento este que, antes de tudo, atinge as ciências naturais, e, a seguir, as humanas das quais se originam as ciências da educação. Nessa perspectiva, a educação passa a ser ponderada por meio da ciência, tendo a filosofia da educação como função justificar o emprego de recursos técnico-científicos que levem ao máximo o desempenho dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A filosofia da educação tem papel essencial na construção do ensino de filosofia e coopera com a formação do filosofar, trazendo a tona assim o professor-filósofo. Deste modo também está lançada nesse horizonte pedagógico certa concepção de educação, a saber, de uma educação formadora: não tecnicista, pois, tampouco voltada para qualquer tipo de erudição vazia, menos ainda direcionada a propósitos de servilismos em relação aos interesses imediatos, práticos, ou massificadores da sociedade; trata-se, pois, da aposta em uma constituição que visa oferecer, antes de tudo, à constituição de um indivíduo adequado de apontar, de distinguir e, assim sendo, capaz de julgar e de eleger.

7 O desafio de filosofar

Uma missão difícil, porém não impossível é alcançar o filosofar, transmiti-lo não sei se pode ser empregado o sentido de transmissão ao que se refere filosofar, é mais uma construção do que mesmo disseminação, trazendo a teoria e unificando-a a prática, concebesse assim a tarefa do professor, a filosofia ela tem que ser demonstrada em parâmetros não apenas históricos como manda ementa, abordagens transversais são de fundamental importância para uma aula, o aluno tem que vivenciar a filosofia em sua sociedade, não desmerecendo conteúdos históricos, nem deixando de lado os grandes pensadores, eles também tem que serem tragos para a aula, agora buscar

associações e analogias na forma de trazê-los é fundamental para que o discente se sinta confortável, e também gere uma inquietação no mesmo, essa formar de introduzir tal filósofo, imagine só uma abordagem do pré-socrático Tales para um aluno do interior da Paraíba, o qual enfrenta na maioria das vezes uma grande crise hídrica, esboça o filósofo através do contexto que aluno se insere, trazendo a água como elemento primordial para a filosofia de Tales e a colocando próximo do aluno.

O desafio é evitar que a Filosofia acabe sendo somente uma teoria ou um discurso sobre qualquer coisa, mediante o qual não se toma contato com a vida nem com os problemas concretos das pessoas. É preciso transformá-la numa experiência significativa, através de metodologias e conteúdos que conduzam à reflexão e, ao final de seu exercício, com o objetivo de ajudar a esclarecer um pouco mais sobre os distintos e contraditórios aspectos do conhecimento e da sociedade (CARMINATTI, 2012, p. 37).

A filosofia é uma atividade em si mesma problemática. Como tal, a escolarização filosófica valerá segundo o modo como arquitetamos a própria filosofia. Envoltos nesse cenário o que fazer? Aonde se encontra amparo? A filosofia é o próprio amparo e ela fornece na maioria das vezes não as respostas, mas levanta mais dúvidas e nos deixa em estado de aporia, cabe ao bom senso não se deixar ficar sem saída e filtrar o conhecimento. A filosofia não cabe dar as respostas ela é responsável por gerar dúvidas e inquietações, todavia ela também oferece conforto, basta sabermos como encontrar esse conforto por intermédio dela.

8 Considerações Finais

Buscar a atividade filosófica e estabelece-la em sala de aula não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível essa manifestação, o filosofar ele surge em uma perspectiva de acolhimento, o saber invade a mente do aluno a partir do momento que ele se abre espaço para o desenvolvimento de sua atividade crítica o professor ele estar incumbido de assessorar o aluno nesse processo mostrando os caminhos e deixando junto discente o poder das escolhas, a tarefa de filosofar e levar o aluno a essa atividade que flui em sintonia com o interesse do aluno, as inquietações que o mesmo detém servem de alento para que ele filosofe e procure respostas.

A formação específica junto à filosofia constitui o profissional que, para além dela, se propõe a pensar a educação como área filosófica e se propõe a intervir nela nessa expectativa, que acredita em outra forma de educação, o próprio sistema impede que a atividade filosófica caminhe, mas o professor de filosofia não se intimida e vai de encontro ao ensino, rompendo as barreiras e

fazendo valer à pena a arte de lecionar, as provocações que se debruçam em sala fazem o aluno cair sob os encantos que a filosofia permite .

O pensamento filosófico tem que estar voltado para descortinar o estado de inércia que se encontra o atual sistema de ensino, a filosofia resta o papel de tirar as mascaras e retirar da caverna os que se encontram veladas pelas trevas, conhecer custe o que custar, e não temer o horizonte do desconhecido, não ter medo de provocar e ser provocado filosoficamente em sala de aula, o filosofar surge da perspicácia e da coragem de quem realmente tem em cerne de atitude que surtem mudanças no cenário atual.

REFERÊNCIAS

- LEBRUN, G. Por que filósofo? *Estudos* – CEBRAP, São Paulo, n. 15, p. 148-153, jan./mar. 1976.
- LYOTARD, J. F. *O Pós-Moderno explicado às crianças*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.
- TONET, Ivo. *Educar para a cidadania ou para a liberdade?* In: Educação contra o capital. São Paulo: Instituto Lukács, 2013. p. 61-74.
- SEVERINO, Antônio Joaquim *Identidade e tarefas da filosofia da educação*, in Educação, sujeito e história, São Paulo, Olho D'água, 2001.
- CARMINATI, Celso João. Formação e ensino de filosofia. In: MATOS, Junot Cornélio.
- Revista Perspectiva Filosófica:** Revista dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia da UFPE e UFPB. Volume II, Nº 38. Recife/PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2012. p. 29-44.
- OMAR, Walter. *Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar*. São Paulo: Autêntica editora, 2009.